

O agro vai muito bem

O engenheiro agrônomo Roberto Rodrigues, professor, ex-ministro da Agricultura e também produtor rural, é o entrevistado da presente edição. Em longa conversa com Richard Jakubaszko, editor executivo da **Agro DBO**, Roberto Rodrigues mostra sua visão e dá opiniões sobre diversas questões do agronegócio brasileiro. Evidencia, entre outras coisas, porque é uma das personalidades preferidas de entidades organizadoras de congressos, simpósios, fóruns e workshops, eventos realizados o ano inteiro, chegando a realizar mais de meia centena de palestras anuais, obrigando-o a realizar verdadeiras maratonas de viagens pelo país. Na semana em que realizamos a entrevista, Roberto tinha viajado para a África do Sul, depois foi a Rondônia, Mato Grosso e Paraná. De volta a São Paulo, fez um pit stop de um dia em seu escritório na Fundação Getúlio Vargas, onde é coordenador do Setor Agro. Mas já se preparava para uma pausa de descanso, uma fuga de fim de semana até sua fazenda, na “Grande Guariba”, região que engloba o município de Ribeirão Preto, troca que costumava aplicar, quando fez parte do ministério de Lula, ao então poderoso ministro da Fazenda, Antônio Palocci, ex-prefeito de Ibeirão Preto e natural dessa região ao norte do Estado de São Paulo.



Agro DBO – Afora crises de baixos preços conjunturais, como etanol, café, laranja, e agora ameaça de preço baixo do milho, o agro brasileiro vai bem?

Roberto Rodrigues – De uma forma geral o agro brasileiro vai bem. Mas é preciso entender o “gênesis” do ir bem. A história é longa, mas para mim tem um ponto de inflexão, que é muito importante, e é determinado pelos períodos logo após os planos Collor e Real. Até o Plano Collor, o Brasil era um país fechado em relação ao resto do mundo, com inflação de dois dígitos ao mês, e com políticas públicas protecionistas. O Estado protegia o agro brasileiro, o que sustentava a ineficiência. O Plano Collor arrombou a questão comercial e abriu o país. Chacoa-

lhou o agronegócio, muitos quebraram e até mesmo grandes cooperativas fecharam, como a Cotia e a Sul Brasil, que eram as maiores. Aí, a incompetência perdeu espaço. Logo em seguida veio o Plano Real, e com ele se acertou o passo, pois ajustamos as arestas, passamos a ter uma inflação civilizada, de um dígito ao ano, e o Estado perdeu a capacidade de intervir paternalisticamente. Nesse processo o Estado teve que ser enxugado, todos os subsídios foram extintos, e, por isso, nesse período o agro teve uma tríplice colisão. Saímos de uma inflação maluca para uma civilizada, de um país fechado para um país aberto, e o fim das políticas protecionistas e dos subsídios.

Agro DBO – Nesse contexto tivemos de buscar a competência?

Roberto Rodrigues – Exatamente, essa tríplice colisão provocou duas ondas no Brasil, uma de exclusão e outra de competitividade. A da exclusão foi brutal, talvez a mais dramática de todos os tempos. Não temos estatísticas confiáveis no Brasil, mas eu diria que mais de 150 mil produtores rurais desapareceram nesse processo, de todos os tamanhos, no país inteiro, inclusive alguns grandes produtores no Centro-Oeste. De outro lado, quem permaneceu vivo foi obrigado a competir, e aí dois mecanismos surgiram: o primeiro foi o uso das tecnologias, ou seja, aumentar a produtividade para competir. O segundo foi gestão, e este foi o mais complicado, porque não havia modelo de gestão. É a tal história, a inflação e os lucros financeiros.

ros escondiam os nossos erros e a nossa incompetência, pois não havia eficiência comercial ou financeira. Ninguém investia em nada, nem em recursos humanos, muito menos na questão ambiental ou na produtividade. Então, de repente, o produtor rural teve de aprender a fazer gestão competente, controle de estoques, eficiência nas compras e nas vendas, investimentos em produtividade e em controle de custos. Isso foi mais difícil ainda por não existirem padrões, até porque temos condições muito díspares de cada microrregião do país, pois não podemos comparar problemas e necessidades de um produtor rural do Vale dos Vinhedos com outro de Rondonópolis, ou do Espírito Santo, ou de Minas Gerais. Não dava para criar um modelo nacional de gestão, mas todo mundo foi buscar o seu modelo, e houve um ajuste dentro da agricultura que os demais setores não fizeram; ou se fazia isso ou morria. Por isso que eu digo que o agro vai bem, porque fez um ajuste extraordinário, lastreado na tecnologia e nos modelos de gestão, mesmo que implementados aos trancos e barrancos, e que até hoje é assim, e também por políticas públicas, que permitiram alguns saltos interessantes.

Agro DBO – Que saltos foram esses?

Roberto Rodrigues – A Agrishow, por exemplo, que provocou uma mudança de paradigma. Até então as feiras eram estáticas, e a Agrishow, como feira dinâmica, demonstrações de campo, fez com que especialmente a indústria de máquinas investisse em tecnologia e aprimoramentos, porque o produtor ia lá, comparava máquinas, avaliava preços, e depois comprava. As empresas que não evoluíram fecharam as portas. Isso explica o gigantesco salto no uso de tecnologia no Brasil, que foi

espetacular. Uma máquina lançada hoje nos EUA em menos de 6 meses já está no Brasil.

Agro DBO – Qual o maior problema dos grãos (soja-milho)?

Roberto Rodrigues – Sem dúvida que é a logística. Agora, quando se fala em logística o leque de variáveis é gigantesco. Começa no armazenamento e termina no porto, ou no supermercado, e passa pelos meios de transportes. É evidente que a solução para os problemas centrais da logística, que são transporte, armazenamento e porto, é uma solução demorada, os investimentos são gigantescos, o processo burocrático é monumental no Brasil, a começar pelos licenciamentos ambientais. Não vejo nenhuma solução com menos de 4 a 5 anos em nosso horizonte, só para mitigar o problema, que não é de resolver essas questões em definitivo. Por isso que a armazenagem se tornou o problema mais emergente, porque dá para segurar a produção na fazenda e reduzir os problemas seguintes, de congestionamento de estradas e portos, fretes caros etc. Aí surgem soluções e oportunidades, com o uso de novas tecnologias, como os silos bag.

Agro DBO – Com o gás de xisto, ameaças de baixa do preço do petróleo, já desabou o preço do carvão, e o etanol do milho americano pode ser reavaliado, os produtores americanos de milho plantariam soja. Como ficamos nisso?

Roberto Rodrigues – Podemos ter enormes problemas, no curto ou médio prazo. A redução dos preços internacionais do petróleo traz dificuldades para o pré-sal, que pode até ser inviabilizado, e outra “problemática” para o nosso etanol. De outro lado, se o milho que vier a sobrar pelo não uso como etanol for para consumo humano e animal, cai o preço, leva a soja com ele, derruba o preço das carnes de forma geral. Pode haver um efeito dramático para o produtor, com redução de renda sem precedentes. Isso somado com a questão da logística pode ter um efeito que não temos como dimensionar. Mas teria uma duração relativa, de no máximo 3 anos, porque com o barateamento da carne cresceria o seu consumo e o mercado se reajustaria.

Agro DBO – E como fica o etanol de cana-de-açúcar brasileiro, dentro desse cenário?

O etanol de milho americano deve ser reavaliado nos próximos meses





Roberto Rodrigues – Perderia ainda mais a competitividade com a gasolina, e não daria para produzir mais açúcar, porque derrubaria também esses preços. A cana poderia vir a se juntar ao café e a laranja em termos de baixos preços, nesse cenário negativo das commodities brasileiras.

Agro DBO – O que poderia ser feito para minimizar esse tsunami?

Agro DBO – Vejo a questão do gás de xisto como oportunidade excepcional, no curto prazo, de políticas públicas imediatas e urgentes, para implantar de vez o seguro rural, pois hoje apenas 6% da produção brasileira é segura. E precisaria melhorar a nossa logística, para obtermos competitividade com redução de custos. Mas quero deixar claro que eu acho que esse tsunami seja provável, e não que vá de fato ocorrer, mas que é possível, e por isso precisaríamos estar preparados.

Agro DBO – Por que o agro não consegue impor um ministro da Agricultura? Falta de união?

Roberto Rodrigues – Sim, falta união do agro, mas é tudo uma questão de política. As decisões de governo estão ligadas à reeleição. Estou ficando, definitivamente, contra essa regra que permite reeleição. Acho que devemos ter 5 anos de mandato, e acabar com reeleição, porque não é possível se passar um mandato inteiro trabalhando para se reeleger, acho isso uma distorção da democracia. A questão é que o Ministério da Agricultura, e outros ministérios e cargos, se transformaram em moeda de troca. Para ser ministro hoje não importa se ele é bom ou ruim, importa saber de qual partido e estado ele é, porque isso é que tem o peso político. Como consequência, o que importa é a estrutura do ministério, que acaba desmontada por uso político, trazendo com isso a ineficiência.

Agro DBO – O cooperativismo poderia influir nisso?

Roberto Rodrigues – Acho que sim, mas não apenas o cooperativismo. O cooperativismo está num processo de evolução fantástico,

estamos dando um salto gigantesco de qualidade nesse setor, acho até que já temos metade do PIB do agro brasileiro sendo gerado pelo cooperativismo.

Agro DBO – O que impede o associativismo de crescer e ter importância no Brasil, a exemplo dos europeus e dos americanos?

Roberto Rodrigues – Só temos associativismo mais representativo no Brasil Central, e lá não há cooperativismo, que é a solução para os pequenos e médios obterem economia de escala, na compra dos insumos e na venda da produção. No Cerrado tem muitos produtores com escala econômica, daí a solução do associativismo, e não sentem falta do cooperativismo.

Agro DBO – Políticos nunca deram importância ao agro. Mas, candidatos políticos no cenário de eleição de 2014, tentam empatia com o agronegócio em busca de votos. Eduardo Campos é um bom exemplo, porém, com a companhia da ambientalista Marina Silva, considerada uma das maiores críticas do agro brasileiro. Tal candidatura tem chances com apoio do agro?

Roberto Rodrigues – Essa é a grande novidade do agro, estou nessa estrada há 50 anos, e nunca antes os políticos correram atrás da gente. Ao contrário, nós que fomos sempre atrás dos governantes e políticos, pedindo ou implorando para eles prestarem atenção ao setor. Os 3 candidatos se aproximaram de líderes do agro, a presidente Dilma, por exemplo, anda muito próxima da senadora Kátia Abreu. A senadora hoje interfere nos nossos horizontes, e se a Dilma for reeleita ela será a ministra da Agricultura. Os candidatos Eduardo Campos e Aécio Neves estão nos procurando, querem sugestões, querem projetos de governo, querem ideias para usar nas suas campanhas, de modo que isso é inédito,

“Nunca os políticos correram atrás da gente. Nós que fomos atrás deles, implorando para prestarem atenção ao setor.”

pois é a primeira vez que candidatos a presidente procuram o agro. No Caso do Eduardo Campos, até pela presença da Marina Silva, antipática ao agro, isso o levou a nos procurar, e a outros líderes do agro, para amenizar isso de alguma forma. A Marina precisaria flexibilizar o discurso dela para obter votos do agro, disso ninguém tem dúvida.

Agro DBO – O que o agro poderia fazer em termos políticos para conquistar a atenção que merece dos governantes?

Roberto Rodrigues – Ora, o que deseja um candidato? Voto, ele quer ganhar a eleição, e onde está o voto? Nas cidades, e a população rural é pequena, mas o agro pode influir nisso, transferindo a visão de sua importância para o eleitorado urbano, e com isso conquista os candidatos, ou vai ficar sempre para trás nesse processo, como sempre foi.

Agro DBO – E a eterna briga dos desenvolvimentistas versus ambientalistas, que sufocam o agro? Perdemos essa briga?

Roberto Rodrigues – Essa é a briga da burrice contra o bom senso. Porque isso é de uma obviedade cristalina, os ambientalistas não entendem que a ninguém

interessa mais a sustentabilidade do meio ambiente do que ao próprio produtor rural, porque sem isso ele perde a terra e o próprio capital. Mas isso deve mudar e a própria mídia de massa reconhece algumas dessas questões. Hoje em dia só alguns ambientalistas radicais é que atacam o agro. O próprio Código Florestal ajustou isso, mesmo que se tenha falado e escrito muita besteira sobre o assunto. Como diz uma música dos caboclos, “Tá ruim, mas tá bom”, ou seja, hoje a gente tem um rumo, há uma realidade para seguir em frente, os procedimentos a partir de agora se tornam rotina, sejam as APPs, as reservas legais, tem de fazer o CAR - Cadastro Ambiental Rural, e isso tudo irá se regularizar.

Agro DBO – Por que as PPPs no Brasil nunca vão em frente, como alternativa para a logística?

Roberto Rodrigues – Acho que falta um marco regulador, algo que garanta o “pay back”, porque ninguém vai investir num negócio que demora 20 ou 30 anos para ter retorno.

Agro DBO – A pesquisa brasileira nunca contestou o IPCC / ONU, ao contrário do que ocorre com cientistas no mundo inte-

ro, que consideram o movimento uma agenda política e econômica. Estamos pesquisando plantas com tolerância ao estresse hídrico. Não estamos jogando dinheiro fora?

Roberto Rodrigues – Não sei, há muita divergência. Há cientistas que afirmam que vai aquecer e outros que vai esfriar. Como não entendendo disso, acho que o princípio da precaução faz sentido. Ao criarmos no Brasil o Plano ABC ganhamos respeitabilidade lá fora, o que aumenta nossa competitividade, porque os países nos consideram sustentáveis. Isso é importante, independentemente de a gente achar que no futuro, em médio prazo, sei lá, 10 a 20 anos, vamos ter de derrubar floresta para plantar alimentos, porque a população mundial continua crescendo.

Agro DBO – Qual pergunta não fizemos, que você gostaria de responder?

Roberto Rodrigues – De certa forma, a pergunta que não foi feita, é: “por que a agricultura é tão mal tratada no Brasil, e tão ignorada pelos governantes?” Eu ainda não tenho a resposta para isso. Talvez, quando a gente descubra a resposta, possamos resolver a maior parte de nossos problemas. A

DESCONTO ESPECIAL PARA PRESENTEAR



Presenteie alguém com assinaturas das melhores revistas da agropecuária brasileira e aproveite desconto especial.

Para presentear acesse o site www.assinedbo.com.br ou ligue 0800 11 0618.

Presenteie alguém



0800 11 0618